

A influência da religiosidade no processo de envelhecimento e na consciência de finitude

The influence of religiosity on the aging process and on the awareness of finitude

Bruna Calazans Carneiro SILVA¹
Vitória Maria Sales do NASCIMENTO²
Laura Sthéfany Farias de SOUSA³
Leticia Reynaux B. de ALBUQUERQUE⁴
Fernanda Wanderley Correia de ANDRADE⁵

Resumo: É sabido que, com o avançar dos anos de vida, o sujeito intensifica o seu diálogo interno com a morte, exigindo, muitas vezes, o trabalho psíquico de luto antecipado de si mesmo. A partir disso, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre como a adesão às crenças religiosas/religiosidade, que comportam todo um arcabouço de ideias em torno da morte e pós-morte, podem auxiliar o idoso a lidar com a consciência de finitude e, consequentemente, com o atravessamento do processo de envelhecimento. Para isso, em termos metodológicos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, tomando como referenciais teóricos as abordagens psicológicas (fenomenologia-existencial e psicanálise), trazendo as suas visões sobre o enfrentamento de tais acontecimentos na vida dos idosos, além de conhecimentos acerca da forma como as diversas religiões (Cristianismo, Espiritismo, Budismo e Candomblé) encaram a morte e a vida pós-morte. No final, conclui-se que as vivências dessas questões, no tocante à finitude e ao processo de envelhecer, por parte do idoso, que se apoia e se ampara nas diversas crenças religiosas/religiosidade, podem ser permeadas de maior leveza, por promoverem a esperança de continuidade do seu existir após sua morte. Com isso, as crenças religiosas são colocadas como uma das possibilidades saudáveis no enfrentamento da velhice, tomada pelo idoso que tem a liberdade de escolher acreditar em uma dimensão maior do que ele consegue entender, propiciando-lhe uma visão menos ameaçadora e repulsiva da finitude.

Palavras-chave: Envelhecimento. Finitude. Morte. Religião. Luto.

Abstract: It is known that, as we age, the human being as an individual intensifies their internal dialogue with death, often requiring the psychological work of anticipated mourning of himself. Based on this, this article aims to reflect on how adherence to religious beliefs/religiosity, which encompass a whole framework of ideas around death and post-death, can help the elderly to deal with the awareness of finitude and, consequently, with the passing of the aging process. For this, in methodological terms, bibliographic research was carried out, taking psychological approaches (existential phenomenology and psychoanalysis) as theoretical references, bringing their views on coping with such events in the lives of the elderly, in addition to knowledge about how the different religions (Christianity, Spiritism, Buddhism, and Candomblé) face death and the life after death. In the end, it is concluded that such experiences regarding finitude and the aging process, on the part of the elderly, who are supported and supported by various religious/religious beliefs, can be permeated with greater lightness, as it promotes hope of continuity of his existence after his death. With this, religious beliefs are one of the healthy possibilities in facing old age, taken by the elderly who have the freedom to believe in a larger dimension than they can understand, providing them with a less threatening and repulsive view about finitude.

Keywords: Aging. Finitude. Death. Religion. Mourning.

DOI: <http://dx.doi.org.10.24024/23579897v31n2a2022p05024>

¹ Graduanda em Psicologia | FAFIRE | E-mail: bruna28carneiro@gmail.com

² Graduanda em Psicologia | FAFIRE | E-mail: vitoriasalesn@gmail.com

³ Graduanda em Psicologia | FAFIRE | E-mail: laurafsousa2000@hotmail.com

⁴ Graduanda em Psicologia | FAFIRE | E-mail: leticiaareynaux@gmail.com

⁵ Doutora em Psicologia Cognitiva pelo Programa de Pós-graduação da UFPE | professora da FAFIRE | psicóloga clínica do CAPSi-CEMPI e orientadora do artigo | E-mail: fernandaa@prof.fafire.br

Introdução

Em decorrência do aumento vertiginoso da população idosa no mundo e, especialmente, no Brasil, os estudos e as pesquisas em torno do que é “ser velho” na contemporaneidade e das possíveis vias do envelhecimento tornam-se extremamente pertinentes e urgentes. O envelhecimento populacional requer mobilização de diversos setores da sociedade, tais como: saúde, previdência social, lazer, urbanismo e acessibilidade, dentre outros, para que os anos a mais de vida que ganhamos, em virtude dos avanços tecnológicos e da medicina, não se tornem um grande problema social (EIZIRIK *et al.*, 2001).

Segundo Goldfarb (1998), em seu livro “Corpo, tempo e envelhecimento”, nas sociedades tradicionais, a figura do velho era envolta de sabedoria, paciência e transmissão de valores da ancestralidade, comportando a memória coletiva. Por sua vez, essa mesma autora completa que, na sociedade moderna, considerava-se o velho não mais como reprodutor de vida, nem produtor de riqueza e, portanto, este pouco valia. Nessa mesma linha de pensamento, Valter Duarte (*apud* LEMOS e ZAGAGLIA, 2011), retratando a morte social, aborda que, numa sociedade onde existia um incessante imperativo de revolução dos meios de produção, a velhice, cada vez menos, significava paz, sabedoria e consolo. Assim, na lógica do progresso tecnológico, o velho recebia denominações que o desvalorizavam, tais como antiquado, superado e acabado. Desse modo, em uma sociedade individualista, regida pelo princípio da utilidade, o velho perde o seu valor simbólico social, assumindo um lugar de marginalização.

Entretanto, conforme Ruth Lopes, em “Programa diversidade 58: temática velhice”, promovido pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, em 2011, está ocorrendo o surgimento, na contemporaneidade, de uma nova categoria de velhos: os denominados “novos velhos”. Se, antes, “ser velho” significava recolhimento aos aposentos, condição de ausência de possibilidades, hoje, implica em manutenção de vida social, de desenvolvimento de potencialidades e de assunção da condição de sujeitos de direito e de desejos.

Reforçando tal perspectiva acerca da velhice, Alexandre Kalache, em “Revolução da Longevidade”, evento promovido pelo Café Filosófico (CPFL, 2016), assinala a necessidade de reinvenção na velhice, em virtude dos anos a mais de vida que se ganha, em decorrência do avanço da medicina e da tecnologia, cabendo ao idoso encontrar novas possibilidades de viver a velhice, com saúde física e mental.

Assim, na atualidade, mesmo ainda com a existência de alguns problemas descritos anteriormente, concebe-se a existência de um movimento ético, no sentido de dar maior

autonomia e protagonismo aos idosos, reconhecendo-os como responsáveis por dizerem o que ainda é (ou não) possível ser realizado, podendo, se assim o desejarem, continuar trabalhando na sua área habitual ou enveredar por outras atividades produtivas.

Outrossim, a consciência da finitude também se faz muito presente no percurso do envelhecer, na medida em que o velho experimenta diversas demandas do trabalho psíquico de luto, seja em decorrência da “partida” frequente daqueles com os quais convive no seu entorno, e/ou seja em virtude da constatação da aproximação do seu próprio fim. Tudo isso acrescido ao enfrentamento de diversas perdas biopsicossociais que a velhice lhe traz.

Ademais, esse processo só incrementa a reflexão sobre a qualidade de vida que esse idoso possui, bem como a qualidade da morte que deseja para si, pois o pensamento sobre o fim atua diretamente no comportamento das pessoas sobre o que estão realizando enquanto vivas, como estão desempenhando sua liberdade e autenticidade, e de que forma pensam sobre o fim das suas relações sociais, dos seus projetos existenciais e da sua própria morte.

Sendo assim, buscou-se, então, destacar, dentre todas as vivências intrínsecas ao longo do processo do envelhecimento, como as diversas perdas fisiológicas, psicológicas e sociais supracitadas, o pensamento relacionado à questão da finitude e como o sujeito lida com a mesma. Dessa forma, propõe-se abordar os inúmeros aspectos implicados no processo de desenvolvimento do ser humano, levando em consideração tanto os sofrimentos advindos da consciência da finitude, quanto as possíveis formas - patológicas e saudáveis - de elaborar tais questões, trazendo para a discussão a influência das crenças religiosas/religiosidade, sobre as quais o idoso, neste momento, pode sustentar-se e se apoiar emocionalmente.

Especificando melhor, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre como as crenças religiosas e/ou a religiosidade, que trazem no seu campo discursivo noções de morte e pós-morte, podem servir de suporte emocional e de meio de ressignificação dessas vivências antecipadas de finitude e de enfrentamento do processo de envelhecimento.

Para percorrer tal objetivo, em termos metodológicos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, tomando como referenciais teóricos as abordagens psicológicas (fenomenológico-existencial e psicanálise), trazendo as suas visões acerca de tais acontecimentos na vida dos idosos, além de conhecimentos sobre a forma como as diversas religiões (Cristianismo, Espiritismo, Budismo e Candomblé) encaram a morte e a vida após a morte.

O trabalho está dividido nos seguintes tópicos: 1. A representação da finitude no decorrer da história; 2. A consciência do fim: o luto prematuro de si mesmo; 3. A visão da finitude na

perspectiva da fenomenologia-existencial; 4. A visão da finitude na perspectiva da psicanálise; 5. A importância da religião no processo de envelhecimento; 6. Religiões e suas perspectivas sobre a morte e pós-morte.

1. A representação da finitude no decorrer da História

Desde os primórdios, o ser humano procura meios de registrar indícios de seus momentos de vida na terra, ao se dar conta de sua transitoriedade. Com isso, a consciência da brevidade da vida se tornou um problema, no momento em que ameaçou a existência do ser, e, assim, iniciaram-se meios de ignorar a morte, ou retardá-la o máximo possível, trazendo repercussões, conseqüentemente, no modo de viver e de lidar com o processo de envelhecimento. Culturalmente, de acordo com Guimarães e Carneiro (2012), a morte possui diversas significações e simbologias, servindo como meio de caracterizar experiências e atitudes de cada povo. Assim, considerar representações como influentes no modo de agir das pessoas implica dizer que mudanças nesse conceito atuam na relação destas pessoas com sua finitude.

Conforme o artigo “*Finitude, envelhecimento e subjetividade*”, escrito por Correa e Hashimoto (2012), a morte, então, é tida como um dispositivo que age, trazendo inquietação e movimentação para a vida, assim como atua no cenário da construção social, indicando a postura dos sujeitos perante os mortos, através dos rituais a ela relacionados.

Em estudos realizados por Morin (*apud* CORREA; HASHIMOTO, *op.cit.*), na área antropológica, foram observados que, desde o homem Neandertal, existiam registros de sepultamento dos mortos, entendendo-se que esse comportamento ia além do instinto, sendo mais uma forma de o ser humano pensar sobre a morte. Assim, o corpo *post-mortem* abriu espaço para a realização de práticas e rituais que representassem a finitude da vida. Os cemitérios eram mantidos perto das cidades, pois simbolizavam uma ligação entre os vivos e aqueles que já partiram.

Durante o período da Renascença, iniciou-se uma outra visão sobre a morte, pois começou a haver uma dedicação à existência, com o intuito de obter como recompensa uma vida eterna no paraíso, descrito pelo Cristianismo. Com isso, o Catolicismo e o Protestantismo tiveram um papel fundamental na significação da mortalidade, pois colaboraram para haver uma visão menos atípica sobre o morrer, bem como para a aprendizagem da convivência cotidiana com a presença dessa temática.

No século XX, o aumento da taxa de mortalidade fez com que os velórios ocorressem em residências, abrindo espaço para rituais de luto e dando continuidade ao sentimento de aproximação com o morto. Entretanto, após algumas décadas no mesmo século, houve a mudança do local de morte das casas para o hospital, decorrente dos avanços medicinais, pois foi entendido que o óbito no hospital simboliza que a equipe médica fez o que pode para preservar a vitalidade do sujeito, contudo, sem o sucesso esperado (CORREA; HASHIMOTO, 2012).

Desse modo, a morte continuou com sua simbologia de ceifadora da existência, a qual foi preferível não ser mantida nos pensamentos diários. Tal afirmação pode ser representada pela modificação da localização dos cemitérios para lugares mais afastados da cidade, sendo feita também a separação dos funerais por classes sociais, de modo que os mais ricos ficassem próximos a prédios religiosos, e os mais pobres, afastados (CORREA; HASHIMOTO, *op. cit.*). O dualismo entre morte e vida se tornou um conflito que colabora com a visão de óbito como um inimigo, e não como um processo natural do existir.

Nessa perspectiva, que assinala a dificuldade de lidar com a morte, a psiquiatra Elisabeth Kubler-Ross (1969/2017) define cinco estágios do luto relacionado, podendo não se apresentarem na ordem proposta, pois depende da subjetividade do sujeito, sendo elas: negação da morte, sentimento de raiva, negociação, depressão e aceitação. As religiões, por mais que não concordem quanto ao que acontece depois da partida, tornam-se importantes por fazerem os indivíduos refletirem sobre essa temática e pensarem sobre sua própria morte.

A pós-modernidade trouxe a individualização desse acontecimento e o desejo pela imortalidade, sendo a ciência médica colaboradora para a preservação da vitalidade e para a cura de enfermidades, ajudando a prolongar, ao máximo, a existência. Contudo, a extinção é a única certeza do ser, podendo ser adiada, mas nunca combatida. Por isso, a morte continua sendo um tabu na cultura do Ocidente, incluindo o processo intrapsíquico de negá-la, bem como de se fechar e se isolar, diante de sua ocorrência (GUIMARÃES; CARNEIRO, 2012).

A morte pode ocorrer em qualquer momento da existência. Entretanto, o diálogo com a morte se faz cada vez mais presente, com o passar dos anos. Portanto, a velhice é o momento da vida em que esse diálogo se intensifica, pois é vista como um momento derradeiro, podendo ser repleto de limitações, fragilidades e processos de perda, incluindo a vivência antecipada da perda de si próprio, que se aproxima, potencializada pelo luto advindo da perda dos outros que já partiram. Desse modo, a aversão à morte se tornou um acontecimento corriqueiro, associado

à perda da própria vida, matando, conseqüentemente, a sua vitalidade, seus sonhos e seus desejos, enfim, a sua subjetividade, de forma ampla.

2. A consciência do fim e o luto prematuro de si mesmo

É sabido que, ao longo do processo de envelhecimento, o idoso precisa lidar com possíveis limitações relacionadas a esta etapa do desenvolvimento: perdas biológicas (como, por exemplo, deficiências na visão, audição ou mobilidade, entre outras); perdas psíquicas (como, por exemplo, das responsabilidades, da privação da autonomia, entre outras); e perdas sociais (como, por exemplo, morte de familiares e/ou amigos; a viuvez, entre outras) (GUIMARÃES; CARNEIRO, *op.cit.*).

Essas perdas representam mudanças e trazem reflexões acerca do envelhecimento e da proximidade com a finitude, tanto do próprio indivíduo, como do seu entorno, trazendo sofrimento e, muitas vezes, uma não aceitação dessa fase. No artigo “O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer”, escrito por Giacomini, Santos e Firmo (2013), foi possível observar a singularidade da consciência do fim e o luto prematuro, através de um estudo feito com 57 idosos.

Muitas vezes, na velhice, a questão da saúde traz um *status* de juventude para o velho, como afirma uma das entrevistadas, a qual foi referida pelo estudo das autoras anteriormente citadas: “Ela tendo saúde, ela não pensa que tá velha [...] Agora se a pessoa se entregar, ela mesma: ‘tô velho, tô velho, tô velho’, aí fica velho” (M5, 77 anos, viúva). Assim, a enfermidade no idoso reafirma a sua condição de ser finito, fazendo com que essa temática se torne não apenas algo real, mas também próximo, pois, enquanto houver saúde ou juventude, a morte será algo distante para esse indivíduo.

Além disso, outro ponto bastante pertinente observado por Giacomini, Santos e Firmo (*op. cit.*) foi o fato de que, frequentemente, esses idosos possuem mais medo de darem trabalho para alguém do que de morrer. Desse modo, a perda da autonomia do velho também pode ser associada, na cultura ocidental, como algo disseminado, pois há toda uma trama social desenvolvida para que, na velhice, seja natural depender de alguém, justamente por causa da diminuição da potencialidade do corpo e das doenças atreladas a essa fase da vida, fazendo com que pensemos, às vezes, que envelhecer pode ser pior que morrer.

Sendo assim, há uma preocupação entre os idosos em buscarem tratamento para as suas enfermidades, a fim de que a sensação de ser um “peso” para seus familiares diminua, de acordo

com Giacomini, Santos e Firmo (*op. cit.*). Dessa forma, para que seja possível uma conciliação com o envelhecimento, é necessário, antes de tudo, que sejam feitas as pazes com a condição de finitude.

Guimarães e Carneiro (2012) trazem o conceito de qualidade de vida associado ao envelhecimento, pois significa ser permeado de mecanismos que propiciam a expressão de seus desejos, de maneira sã, e a manutenção do equilíbrio para lidar com as frustrações desse momento. Além disso, está diretamente ligada à percepção que o sujeito tem sobre a sua existência e, por isso, relaciona-se também com a visão que a pessoa tem sobre o seu fim.

Desse modo, segundo Agostinho (2004), a perspectiva de morte é consequência da maneira pela qual o sujeito vivencia medos, regras, sonhos e os papéis sociais por ele conduzidos e, por essa razão, a qualidade de morte é produto da qualidade de vida. Ao aceitar a morte, a velhice torna-se algo mais fácil de lidar, pois faz com que o indivíduo busque adaptar-se e reinventar-se nessa última fase da vida, vivenciando-a de maneira mais autêntica.

3. Visão da finitude na perspectiva fenomenológico-existencial

A perspectiva fenomenológica existencial de Heidegger sobre a finitude postula que os seres humanos são os únicos seres vivos que possuem a capacidade de questionar as coisas ao seu redor, isto é, indaga sobre o sentido do ser. Desse modo, Heidegger (2008) entende o humano como *ser-aí (Dasein)*, aquele que questiona, e é o ente que compreende o significado do ser.

Ao se deparar com a situação de finitude, a pessoa pode apresentar dois comportamentos: a inautenticidade e o *ser-para-a-morte*. O primeiro ocorre quando o *Dasein* sai do seu estado de autenticidade e pessoalidade para o estado de impessoalidade (BRAGA; DIAS, 2016). A partir disso, Heidegger (2008) menciona que a dissolução do *ser-aí* no impessoal provoca uma massificação e banalização, fazendo com que a responsabilidade de cada indivíduo seja menosprezada. Ainda, de acordo com esse autor, para que seja possível retornar para o estado de autenticidade e, assim, aceitar *ser-para-a-morte*, é necessário que o ser confronte essa possibilidade.

Diante do que foi exposto, o processo de envelhecimento, muitas vezes, é negado e vivenciado através do estado de inautenticidade, pois esse tema ainda é visto como um tabu, justamente por ser algo intrinsecamente ligado à finitude. Logo, a forma como cada um irá lidar com a velhice dependerá da forma como passou pelas outras etapas da vida e como é a sua

relação com o fim. Desse modo, Heidegger (*op.cit.*) assegura que, para envelhecer de maneira positiva, é necessário acolher o *ser-para-a-morte*, para que, assim, o *ser-aí* vislumbre que, em algum momento, ele ocupará o lugar de *não-ser*.

Continuando as reflexões sobre esse assunto, a morte é um tema recorrente dentro da filosofia, visto que o sentido e o que as pessoas fazem das suas vidas estão muito ligados a ela. Yalom (*apud* DOMINGUES; FREITAS, 2019) foi um autor da fenomenologia que estudou muito sobre esse tema e entendeu que, ao se deparar com a finitude, o ser humano sofre diversas modificações internas, pois as necessidades para viver são transformadas pelo entendimento da liberdade de escolha no aqui-agora, sabendo que o fim é a única certeza da vida. A partir disso, foram pensadas por Binswanger (*apud* FONSECA, 2008) dimensões existenciais do espectro da morte, para serem formados significados mais amplos para a questão da finitude: *Ümwelt* (mundo físico), *mitwelt* (mundo social), *eigenwelt* (mundo privado) e *überwelt* (mundo espiritual).

No *ümwelt*, ou mundo físico, o falecimento é observado a partir do mundo objetivo, material e biológico, concentrando-se em fatos concretos. A morte, nessa perspectiva, é compreendida como uma parada permanente das funções vitais e o sumiço das atividades elétricas do cérebro.

Merleau-Ponty (*apud* FONSECA, 2008) enxerga o sujeito entrelaçado com o mundo, ou seja, não há fronteira entre o ser e o mundo. Sendo assim, a relação com o outro também é afetada diante da inexistência das barreiras com o mundo. Logo, a existência do “eu” toca a existência do outro. Ademais, a corporalidade descrita pelo teórico é caracterizada pela presença do *ser-no-mundo*, e é desenvolvida também pelos seus projetos existenciais. Contudo, a presença iminente da mortalidade se coloca como ceifadora de todo o potencial de vida do ser, a qual se apresenta a partir de doenças e complicações, vista, então, como um fim amedrontador.

No *mitwelt*, ou no mundo social, o ser humano significa a sua finitude, a partir das conexões sociais que são feitas ao longo da vida, e pela constatação do fim, ao perceber essa finitude em pessoas próximas que já se foram. Com isso, Heidegger (*apud* DOMINGUES e FREITAS, 2019) afirma que o morrer do outro representa a aniquilação das relações que ele mantinha com o eu, e que sumiram a partir do seu fim. Esse teórico coloca o morto não somente como algo que já não está mais entre o mundo dos vivos, mas também um ser que possuía pessoas que se importavam com ele, que compartilhava de lembranças com outrens, e que deixou o sentimento de finitude naqueles que ficaram.

A partir desses sentimentos e das angústias existenciais desenvolvidas por esses pensamentos surgiram os costumes rotineiros de negar ou ignorar a morte, através de tarefas cotidianas.

Com isso, o *eigenwelt*, ou mundo privado, torna-se a dimensão responsável pela reflexão de todos os dilemas expostos anteriormente. Heidegger (apud DOMINGUES; FREITAS, *op. cit.*) entende, que ao se identificar o morrer na fisicalidade de um ente, compreende-se que aquela vida se totalizou, experiência que só pode ser compreendida na morte de si-mesmo de forma simbólica, pois tal fato é inacessível enquanto o ser existir.

Outra perspectiva do fim é trazida por Binswanger (apud FONSECA, 2008), representada pelo fantasma do “nada” que a ronda, visto que todas as possibilidades do sujeito são suspensas eternamente pela sua ausência no mundo. Então, as fugas dessas reflexões se fazem presentes, para evitar angústias existenciais, levando à inautenticidade para si-mesmo, fazendo com que a consciência de finitude tenha extrema importância para uma vida autêntica. Contudo, é sabido que a angústia nunca se desvencilhará por inteiro e, como consequência, o homem começou a buscar a imortalidade do ser, emergindo, assim, a religião.

Por fim, surge o *überwelt*, ou o mundo espiritual, como uma esperança de continuidade da vida após o fim, apoiado na hipótese da transcendência do ser, ligada à sua conexão com conteúdos mais abstratos, os quais não possuem respostas objetivas. Sendo assim, a noção de espiritualidade surge como “(...) algo mais abrangente que a religião, buscando compreender a finitude em um aspecto mais sagrado e inexplorado a partir da investigação do ‘nada’, colaborando com o entendimento de aspectos mais fundamentais do ser e da sua existência” (LEVINA apud FONSECA, *op. cit.*, p. 39).

4. Visão da finitude na perspectiva psicanalítica

Goldfarb (1998) se baseia na perspectiva psicanalítica, e afirma que existem possíveis vias para o envelhecimento (saudáveis e patológicas), em decorrência dos remanejamentos da economia libidinal, representando diversos caminhos que os idosos podem tomar diante da velhice.

Uma dessas vias saudáveis é o investimento laboral/ocupacional, indo em busca de novas atividades, no tocante às ações artísticas, intelectuais, artesanais, como, por exemplo, para preencherem o seu tempo após a aposentadoria. Investindo a libido em novos objetos, evitam, assim, o sentimento de improdutividade. Essas atividades, no momento em que são realizadas,

trazem inúmeros benefícios, podendo ser liberadas a criatividade e espontaneidade, além de motivação e satisfação. Outra saída possível, segundo Goldfarb (*op. cit.*), é a criação de novos projetos sociais e a elaboração de novos planos, que podem perdurar, inclusive, após a sua partida, deixando um legado para as futuras gerações.

Além dessas, levando em consideração a temática deste artigo, Goldfarb (*op. cit.*) aponta para um outro possível caminho de via saudável, sendo esse por meio da religião, o qual simboliza um investimento em um objeto que permite uma continuidade do Eu, como, por exemplo, a crença em uma vida eterna, fornecendo, inclusive, sentido às ações do sujeito, enquanto propósito de sua existência. Refletindo sobre isso, em *O Mal-estar na Civilização*, Freud (1930/1996) reconhece a função da religião como resposta frente ao desamparo humano, revelando-a como um mecanismo de defesa, à medida que os indivíduos podem, através de uma construção delirante em massa, própria das crenças religiosas e espirituais - independentemente de quais forem -, amenizar ou evitar os seus sofrimentos da vida terrena e enfrentar a consciência da morte.

Além das saídas saudáveis, essa obra apresenta que também podem fazer parte do processo de envelhecimento as saídas patológicas, como, por exemplo, a não aceitação da velhice. Compartilhando dessa ideia, Becker *et. al.* (*apud* HERÉDIA, 2014, p. 14) afirmam que “a obsessiva negação da morte é um mecanismo de defesa adotado pelos indivíduos na condição de protegê-los do medo natural da morte”. A partir dessa afirmativa, podemos inferir que muitos lidam dessa forma, pelo medo de terem que encarar a finitude, e isso também conversa com o fato de que a nossa sociedade contemporânea cultua a eterna juventude como um modelo a ser seguido, visto que reflete produtividade e liberdade, enquanto a velhice é vista a partir da diminuição da energia e de participação social, gerando, assim, angústia frente a essa fase.

Com a visão social supracitada, relaciona-se outra saída patológica: a crença de invalidez. Com a diminuição da energia e das atividades, muitos idosos tendem a “economizar” sua energia apenas para os processos vitais, não a canalizando para outros meios/objetivos e ações em relação a si, à sociedade e à família, tentando, assim, somente garantir a sua sobrevivência. Por essa concepção, muitos vivenciam esse período da vida como apenas uma espera pela chegada da morte, não vendo possibilidade de ressignificar e investir em outros objetos libidinais. Além dessa saída patológica, Goldfarb (1998) aborda uma outra, que diz respeito à retirada brusca dos investimentos libidinais no mundo externo, na ausência de novos objetos significativos em que vale a pena investir. Como consequência, o excesso de energia que retorna

ao Eu produz uma hipercatexização dos órgãos, possibilitando a emergência de doenças psicossomáticas.

Diante das perdas vivenciadas nessa fase da vida, Freud (1917/1996, p. 9) afirma que a “a sombra do objeto recai sobre o ego”, observando que nem sempre o luto é elaborado de maneira satisfatória, podendo desenvolver no indivíduo um luto patológico. Por exemplo, a morte precoce dos filhos é uma das perdas traumáticas no envelhecimento dos pais, trazendo-lhes repercussões na sua estrutura emocional. Podem, enquanto vivem o luto por seus filhos, precisar assumir esses novos papéis junto aos netos. Uma possível saída saudável seria a redistribuição da libido, antes investida no objeto de amor perdido, que agora precisa ser direcionada a esses outros familiares. Reafirmando isso, Freud (*op. cit.*) apresenta a importância de simbolizar e elaborar as fantasias conscientes e inconscientes que são ativadas frente a essa perda, indo em busca de novos caminhos que substituam o objeto perdido, reinvestindo assim a sua libido.

Pode-se ainda falar de uma crise na maturidade, em decorrência do processo do envelhecimento e do enfrentamento da finitude: o desespero e a integridade do ego. Segundo Erik Erikson (1976), o desenvolvimento humano se divide em oito estágios, durante os quais o ego passa por uma crise específica, podendo ser o seu desfecho positivo ou negativo. O oitavo estágio remete à velhice e apresenta o conflito entre a integridade e a desesperança, advindos da reflexão sobre a vida e o seu término. A desesperança se refere à não aceitação da finitude e à angústia vivenciada por se deparar com a chegada da morte.

Ao perceber que não há mais tanto tempo para voltar e recomeçar, a fim de viver de outro modo, surge a sensação de não ter feito tudo que desejava, ao longo dos anos, gerando, assim, insatisfação com suas vivências e temor à morte. Já sobre a integridade, Erikson (*op.cit.*) conceitua a aceitação de suas vivências como suficientes. Ao refletir sobre sua existência, o sujeito é capaz de compreender e significar suas experiências como positivas, aceitando os limites da vida e, assim, integrando o seu passado e o seu presente, não mais desejando ter sido diferente.

Portanto, como forma de alcançar a integridade do ego e vivenciar o envelhecimento de forma saudável, a religião, como referida anteriormente, poderá ser uma forte base de amparo nessa fase da vida.

5. A importância da religião no processo de envelhecimento

Apesar de o envelhecimento causar grandes mudanças na subjetividade do indivíduo e sofrimento, fazendo com que ele tenha que lidar com as limitações impostas e com a proximidade da morte, constata-se que a pessoa, embora consciente de sua finitude, não está preparada para enfrentá-la.

Com isso, o indivíduo vai em busca de encontrar sentido e uma forma de ter mais clareza sobre o que é a morte. E um dos modos é a religião. Primeiramente, para melhor se debruçar sobre esse assunto, é importante conceituar as diferenças entre religião, religiosidade e espiritualidade. Segundo Koenig *et al.* (*apud* LUCCHETTI *et al.*, 2011), a religião é caracterizada por ser um sistema de rituais, práticas e simbolismos que facilitam o acesso ao sagrado, como, por exemplo: a verdade suprema, Deus, é uma chamada “força maior”. Já a religiosidade está atrelada a quanto um sujeito segue e acredita em suas práticas religiosas, podendo ser pela participação em uma igreja, fazendo leituras de livros ou orações. E, por fim, Koenig *et al.* (*apud* LUCCHETTI *et al.*, *op. cit.*) conceitua a espiritualidade como uma busca pessoal, procurando compreender questões a respeito do sagrado e relacionadas à vida.

Sendo assim, essas três dimensões apresentam grande impacto no processo do envelhecimento, pois as crenças em uma entidade superior, no cotidiano dos idosos, dá-lhes a sensação de amparo e companhia, em meio às dificuldades enfrentadas nessa fase. Desse modo, Lucchetti *et al.* (*op. cit.*) ressaltam como o impacto das crenças influencia no envelhecimento bem-sucedido, o qual é marcado por uma aceitação de suas condições físicas e mentais, e não por traumas e resistências advindos dessa etapa.

Segundo Koenig *et al.* (*apud* LUCCHETTI *et al.*, 2001), a partir de um estudo realizado, foi possível analisar que indivíduos que apresentavam dúvidas e conflitos religiosos demonstravam também maior taxa de mortalidade, ao contrário dos idosos que davam maior significado às suas vidas frente a suas crenças religiosas - estes possuíam maior resiliência ao lidarem com o sofrimento, menor valorização da dor e maior aceitação do fim.

Por sua vez, pacientes que apresentavam a doença de Alzheimer, segundo a revista *Neurology*, devido aos altos níveis de espiritualidade e práticas religiosas, apresentavam menor progressão da doença. Ainda segundo os autores, a ansiedade sentida pelo indivíduo, frente ao medo da morte, declinava, na medida em que os idosos mostraram maior espiritualidade, enquanto que, em pacientes que apresentavam mieloma múltiplo e sofriam de conflitos

religiosos ou passavam a se questionar se Deus realmente os escutava, ocorria aumento da taxa de estresse, fadiga, depressão e dor.

Com base nos dados inferidos acima, pode-se constatar que a religião tem um papel fundamental no processo de envelhecimento. Ao se referir à espiritualidade, Walsh (*apud* MARGAÇA; RODRIGUES, 2019) afirma a existência de potencialidades humanas que o envelhecer desencadeia, fazendo com que a espiritualidade se torne uma forma de resiliência frente aos infortúnios dessa fase, assim como de ajuda, juntamente com a fé religiosa, na simbologia da vida. Mello e Araújo e Reis e Menezes (*apud* por MARGAÇA e RODRIGUES, *op. cit.*) retratam que o significado da espiritualidade para as pessoas da terceira idade é frequentemente relacionado a um deus ou a um poder universal, em busca de alcançar uma certa harmonia com o universo, gerando nesses indivíduos um mergulho dentro de si, ajudando-os em um melhor enfrentamento da mortalidade.

Em se tratando das variadas religiões, o filósofo Schopenhauer (*apud* FONSECA, 2008) acreditava que elas agiam como um “antídoto para morte”, por trazerem a certeza da imortalidade. Por sua vez, Kierkegaard (*apud* FARAGO, 2006) traz o conceito de “salto de fé”, pelo fato de que as religiões agem como uma autoconsciência que ajudam o sujeito a ter uma vida autêntica, baseada na fé e no divino; um medicamento para o desespero da existência, ao atuarem como agente de liberdade de escolha para que a pessoa creia numa dimensão maior do que consegue entender ou explicar.

Desse modo, a espiritualidade e a religiosidade influenciam e amparam, de forma surpreendente, o idoso, promovendo uma melhor qualidade de vida para esse sujeito, visto que é possível perceber que são atribuídos maiores significados espirituais à medida que a finitude se aproxima. Servem, portanto, como suporte emocional, influenciando a saúde física e mental, podendo, inclusive, mudar a visão de mundo e a concepção de existência, de acordo com a crença de cada um.

6. Religiões e suas perspectivas sobre a morte

6.1. Cristianismo

Segundo a Bíblia Sagrada, o Cristianismo tem como sua principal doutrina seguir Jesus Cristo, que é considerado o Messias, o Filho do Deus vivo, o único salvador, que, ao morrer na cruz e ter seu sangue derramado, libertou os cristãos do pecado originário de Adão e Eva.

Apesar de o Cristianismo crer em apenas um Deus - onipresente, onisciente e onipotente -, há três linhas divergentes de doutrinas: os católicos, os ortodoxos e protestantes.

Em Tessalonicenses - epístola constituinte da Bíblia -, fica evidente que há uma diferenciação entre o corpo, alma e espírito, diante da visão cristã. Sendo assim, alma é subsistente e imaterial. Já o espírito é a parte que possui a ligação com o divino, que busca reger o homem, segundo o caráter de Deus, enquanto o corpo necessita da alma para coexistir e realizar suas atividades: o pensamento, alcançar a santidade e ir em busca de realizar seu propósito.

Ainda segundo a Bíblia, o Cristianismo se fundamenta na crença a respeito do batismo e da morte. O processo de conversão se dá por meio da aceitação de Cristo Jesus como o único Senhor e Salvador. Assim, o sacramento do batismo nas águas torna isso consumado. Dessa forma, os cristãos veem a morte como a esperança da salvação e da vida eterna, pois, para eles, Jesus morreu para salvar a humanidade.

Quando as pessoas chegam à velhice, elas passam a lidar com perdas de familiares, amigos, a chegada de uma possível doença e a aproximação da morte. Frente a isso, muitas buscam subterfúgios na religião. Há uma grande porcentagem de idosos cristãos, que relatam lidar com o medo da aproximação da finitude, assegurando-se em sua fé, e sabendo que, mesmo depois da morte, estarão em um bom lugar para descansar, e não mais temem, pois acreditam na sua chegada ao céu.

Ademais, como já citado, segundo a pesquisa realizada pela revista *Neurology*, pessoas que possuem uma determinada religião dispõem de uma maior probabilidade e possibilidade de se curarem de uma determinada doença, pois, ao exercerem sua fé, crêem que Deus escutará suas preces e as curará dessa situação.

6.2. Espiritismo

O Espiritismo é visto não apenas como uma religião, mas também como uma ciência e uma filosofia, pelos que nela acreditam (CAVALCANTI, 2005). Assim como outras religiões, também se divide em doutrinas diferentes: o espiritismo monoteísta - chamado também de Kardecista - e o espiritismo politeísta, o qual se aproxima de cultos de religiões derivadas de origem africana, como, por exemplo, o Candomblé. Para a religião espírita, segundo afirma Cavalcanti (*op. cit*), o sujeito é composto pela união dos seguintes elementos: corpo (matéria),

espírito (a alma, imaterial) e o perispírito (entendido como elemento intermediário entre os dois primeiros).

O conceito de vida dentro do espiritismo é de que ela é eterna, vendo a morte apenas como uma passagem ou transição. Assim que o corpo morre, a alma volta à vida eterna (SILVA; VAZ, 2002), podendo, inclusive, ser uma passagem rápida, ou de forma mais lenta, de acordo com o modo como o espírito se relacionou com o corpo material na terra. O Espiritismo, então, apresenta uma visão de mundo no qual a dimensão material e a espiritual estão diretamente interligadas, onde a segunda dá significação à primeira.

Uma das principais crenças do Espiritismo é a reencarnação, segundo a qual, após a regressão da alma ao Mundo dos Espíritos, o sujeito volta a encarnar, para uma nova vida, no mundo material:

A reencarnação é necessária para a purificação da alma que busca a perfeição. Todas as almas precisam passar por várias existências corporais, porém o número de vezes irá depender da velocidade do progresso espiritual. Sua função e objetivo são a remissão das faltas pelo sofrimento, o aprimoramento da Humanidade (SILVA; VAZ, *op. cit.*, p. 18).

Sendo assim, pode-se inferir que, para os espíritas, a existência é um constante processo evolutivo, durante o qual, em cada encarnação, aprendem-se diversas lições, dando continuidade ao ser. Dessa forma, a visão de finitude se faz por meio da possibilidade de aprendizagem e da existência de um outro mundo - o plano espiritual.

Portanto, a visão de morte e a crença em reencarnação do Espiritismo propiciam um novo olhar frente à velhice e ao desenvolvimento humano, já que o apresenta como eterno, mesmo que em transição com um outro plano.

Como já citado durante o presente trabalho, os pensamentos e as angústias advindas das perdas sofridas pelos idosos ou da não realização de determinados projetos de vida, influenciam diretamente na postura frente à consciência de sua finitude. Essa visão pode ser, inclusive, também amparada pela religião, pois Silva e Vaz (2002) referem que Deus possibilita a chance de concretizar em uma outra vida o que os sujeitos não puderam ou conseguiram concluir em uma existência anterior.

Sendo assim, já que a morte é compreendida como uma ‘passagem’ entre mundos diversos” (CAVALCANTI, 2005), as crenças espíritas possibilitam uma ressignificação importante, tanto da morte como da presente vida, criando, de fato, um novo campo de sentido frente à existência do ser, e possivelmente abarcando e amparando o sujeito, nas diversas questões advindas do processo de envelhecimento.

6.3. Budismo

No Budismo, a morte possui uma concepção de ser algo inerente ao humano, ou seja, é um fato inevitável que acontecerá com todos os seres. Por isso, para esta religião a preparação para o falecimento é algo bastante relevante, feito a partir da realização do Dharma, a fim de encontrar significado e sentido nas vivências. Para isso, é necessário aceitar a condição de ser finito, o que leva ao desapego dos prazeres mundanos (SILVA; VAZ, 2002).

De acordo com Silva e Vaz (*op. cit.*), o conceito de óbito no Budismo é definido quando a consciência deixa de ter qualquer ligação com o corpo, isto é, só há vida quando o corpo e a consciência estão interligados. Além disso, o Budismo é uma religião que possui crença na existência pós-morte, chamando a reencarnação de Renascimento.

Portanto, existem vários níveis de renascimento, sendo os inferiores relacionados com o renascer como um animal ou um ser demoníaco. Para evitar o sofrimento nas próximas vidas, o budista busca o refúgio nas três Jóias: Buda, Dharma e Sangha. Essas entidades proporcionam a redenção de escolhas ruins, e, assim, o sujeito consegue alcançar o nirvana, que é a libertação da consciência. Dessa maneira, na hora da morte é importante que o sujeito não fique preso em pensamentos negativos ou em arrependimentos, pois isso implicará um renascimento inferior (SILVA; VAZ, 2002).

Perante o que foi exposto acima, o processo de envelhecimento pode ser visto como algo que faz parte do ciclo da vida, e que esse ciclo não terminará na morte, pois o sujeito tem a possibilidade de renascer. Ozeki (2014) faz uma analogia do renascimento com o movimento do mar. “Uma pessoa nasce das profundezas do mundo. A pessoa brota do mundo e rola por ele como uma onda até chegar a sua hora de afundar outra vez. Em cima, embaixo. Pessoa, onda” (p. 209).

Por isso, se o sujeito seguiu seu caminho de iluminação, a morte será vista de maneira leve. Porém, se o indivíduo não fez boas escolhas, será um processo amargo, já que terá consciência de que sua vida posterior não será agradável.

6.4. Candomblé

Reginaldo Prandi (2004) afirma que o candomblé é uma religião brasileira, surgida na Bahia, durante o séc. XIX, relacionada a orixás e outras deidades africanas. De acordo com o autor, ela representa um símbolo de resistência à cultura africana, assim como também à

escravidão, e pelo território brasileiro recebe várias nomeações, como Xangô (Pernambuco), Tambor-de-mina (Maranhão), Batuque (Rio Grande do Sul), entre outros. A partir da realização de atitudes consideradas mágicas, contadas e apoiadas em histórias, o candomblé visa resolver problemas que não conseguem ser solucionados de outra maneira, e esse fato se estende ao fenômeno do morrer.

Na cultura africana, a morte é considerada boa e satisfatória, quando ocorre pelo avanço da idade, ocasião em que o funeral é realizado com festas e rituais de despedidas (BANDERA, 2010). O processo de finitude é compreendido como um momento feliz, pois a pessoa que se foi vai encontrar-se com seus ancestrais. Sendo assim, são realizadas práticas ritualísticas para que esse encontro ocorra de maneira satisfatória.

Quando o mundo foi criado, coube a Obatalá a criação do homem. Há a explicação de que, ao ser criado, o ser humano povoou a terra e se aventurou pelos mistérios da natureza, governado por orixás. Contudo, os homens começaram a se colocar como seres dotados de poder, assemelhando-se a deuses. Cansado dos desmandos dos humanos, Obatalá decidiu que os homens deveriam morrer, criando, assim, Iku (a morte). Desta forma, os homens tinham que morrer, colocando nas mãos de Olodumare a decisão quanto ao momento certo que a vida de cada homem chegaria ao fim. A entidade Iku está relacionada com aspectos de vida e morte, ao encaminhar as pessoas do Aiyê (mundo físico) a Orun (céu e mundo espiritual), retirando Emi (sopro da vida).

Ademais, ainda, segundo Bandeira (*op. cit.*), o Axexê é a nomeação dada aos rituais associados à mortalidade, e foi criado por Oiá, com a morte do seu pai Odulecê. Posteriormente, são realizados outros rituais para oficializar a liberação do Orixá protetor da pessoa, e, no segundo momento, há uma individualização, onde todos os pertences que o falecido utilizava são reunidos, e, de acordo com a consulta ao oráculo, saberá o que será feito com eles ou qual herdeiro eles ganharão.

Os objetos a serem despachados são separados, as roupas rasgadas, os colares rompidos (dentre eles o kelê), os assentamentos quebrados e colocados em uma trouxa e entregues em um local, também determinado pelo oráculo (BANDEIRA, 2010, p. 38).

O ritual possui várias etapas, podendo sofrer modificações, de acordo com a nação em que o ará-orum foi iniciado. São realizados ebós, cantorias aos orixás, uma limpeza ritual dos assentos, e, durante essas etapas, os envolvidos vestem roupas brancas que representam a verdade absoluta (morte e vida), e os homens precisam ter em seus pulsos palha da costa, enquanto as mulheres precisam estar com a cabeça e o pescoço cobertos (BANDEIRA, *op. cit.*).

O Candomblé entende a velhice como um processo de extrema importância, pelo acúmulo de conhecimentos adquiridos ao longo do existir: os mais velhos são alvos de muita admiração e prestígio, principalmente por essa fase ser considerada a que está mais próxima da ancestralidade, fazendo desse momento um ideal a ser realizado (PRANDI, 2001). No que se refere à morte, o candomblé a compreende não como um aniquilamento total, mas como uma modificação do plano existencial do ser, de acordo com o ciclo da vida, religioso e vital. Ao se perder o emí, os orixás saem, e Iku será colocado novamente em Iyá-nlá (na terra) em seu local encarnado. É vista como algo importante, pois, pela completude do orí (destino), a pessoa que o completou e teve todos os seus rituais de morte, pode ser transformada em ancestral do terreiro.

Conclusão

Em suma, foram abordados, ao longo deste artigo, diferentes aspectos acerca da vivência da velhice, demonstrando algumas alternativas de enxergar e lidar com a morte, desmistificando-a como um inimigo, e entendendo-a como um processo natural do existir. O idoso não precisa viver em função da espera do fim, mas sim, como um sujeito protagonista da sua existência, e que, mesmo estando nessa etapa, possui ainda um universo de possibilidades a serem exploradas. Uma dessas alternativas pode ser associada à vivência a partir da religião, trazendo mais leveza à vida, assim como a esperança de uma continuidade de seu existir depois de sua morte.

Portanto, as pessoas vivem em um mundo com uma exacerbada pluralidade religiosa, e, conseqüentemente, há várias visões acerca da morte e do pós-morte. Diante disso, a religião é vista como uma forma de acalento sobre as questões supracitadas, e cada uma contribui, ao seu modo, para dar sentido tanto para a morte quanto para a vida. Ademais, como pôde ser visto ao longo do trabalho, as abordagens fenomenológica-existencial e psicanalítica também se debruçam sobre as questões da vivência da velhice e a concepção de finitude, apontando o ser como biológico, psicológico, social e espiritual, que precisa ser observado e valorizado dentro de sua subjetividade relacionada às perspectivas de sua existência e sua inexistência.

Referências

AGOSTINHO, Paula. Perspectiva psicossomática do envelhecimento. **Revista Portuguesa de Psicossomática**, Porto, v. 6, n. 1, p. 31-36, jan./jun., 2004.

LUMEN, Recife, v. 31, n. 2, p. 05-24, jul./dez. 2022

- BANDEIRA, Luís Cláudio Cardoso. A morte e o culto aos ancestrais nas religiões afro-brasileiras. **Último andar**, São Paulo, n. 19, p. 33-39, 2010.
- BRAGA, Arnin Rommel Pinheiro; DIAS, José Francisco de Assis. **A finitude humana no pensamento de Martin Heidegger (1889-1976)**. Toledo: Vivens. p. 49-108, 2016. E-book. Disponível em: <https://humanitasvivens.com.br/livro>. Acesso em: 6 fev. 2021.
- CAFÉ FILOSÓFICO CPFL/ TV CULTURA. 2013. 1 vídeo. A revolução da longevidade . Alexandre Kalache. Disponível em: https://m.youtube.com/watch?v=_5N8V1IpIGg. Acesso em: 6 fev. 2021.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Vida e morte no Espiritismo kardecista. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 11-27, 2005.
- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. 1 vídeo (28 min) Programa diversidade 58. Velhice. 4 ago. 2011. Disponível em: <https://crpsp.org/midia/videos/415?page=50>. Acesso em: 6 fev. 2006.
- CORREA, Mariele Rodrigues; HASHIMOTO, Francisco. Finitude, envelhecimento e subjetividade. **Revista Kairós: Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 85-99, 2012.
- DOMINGUES, Rafaela de campos; FREITAS, Joanneliese de Lucas. A fenomenologia do corpo no envelhecimento: diálogos entre Beauvoir e Merleau-Ponty. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 19, n. 3, p. 20-12, 2019.
- EIZIRIK, Claudio Laks *et. al.* **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- ERIKSON, Erik H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.
- FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- FONSECA, João Eusébio da. **Fenomenologia da finitude no envelhecimento**. 2008. Dissertação (Mestrado em Relação de Ajuda) – Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 2008.
- FREUD, Sigmund. (1917) **Luto e melancolia**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014.
- FREUD, Sigmund. (1930) Mal-estar na Civilização. *In: Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18.
- GIACOMIN, Karla Cristina; SANTOS, Wagner Jorge dos; FIRMO, Josélia Oliveira Araújo. O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2487-2496, 2013.

- GOLDFARB, Delia Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- GUIMARÃES, Iraci Gonçalves; CARNEIRO, Maria Helena Silva. Envelhecimento e Finitude - Qual a representação da morte? **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Rio Grande do Sul, v. 17, n. 1, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. O sentimento de perdas no envelhecimento e a condição de finitude. **Memorialidades**, Ilhéus, v. 7, n. 13, p-9-20, 2014.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- LE MOS, Maria Teresa Toríbio Brittes; ZAGAGLIA, Rosângela Alcântara. **A arte de envelhecer**. Salvador: Ideias Letra, 2011.
- LUCCHETTI, Giancarlo *et al.* O idoso e sua espiritualidade: impacto sobre diferentes aspectos do envelhecimento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 159-167, 2011.
- MARGAÇA, Clara; RODRIGUES, Donizete. Espiritualidade e resiliência na adultez e velhice: uma revisão. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 31, n. 2, p. 150-157, 2019.
- OZEKI, Ruth. **A terra inteira e o céu infinito**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 223-238, 2004.
- PRANDI, Reginaldo. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 43-58, 2001.
- SILVA, Carolina Paes Barreto da; VAZ, Taiany Bittencourt Calazans. **A morte segundo a visão de diferentes religiões**. 2002. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

Recebido em: 30.08.2021

Aprovado em: 24.10.2021

Para referenciar este texto:

SILVA, Bruna Calazans Carneiro *et al.* A influência da religiosidade no processo de envelhecimento e na consciência de finitude. **Lumen**, Recife, v. 31, n. 2, p. 05-24, jul./dez. 2022.